

## **SURDOS QUE SE CONSTROEM SURDOS: UM PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO NA CIDADE DE CAJAZEIRAS – PB**

SILVA, Francisco Uélison da

*Mestrando em Educação junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, professor da disciplina de LIBRAS da Faculdade Santa Maria –FSM e professor nas redes Estadual e Municipal de Ensino. E-mail: [franciscouelison@yahoo.com.br](mailto:franciscouelison@yahoo.com.br)*

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é apresentar discussões sobre um tema bastante pertinente que é a temática da cultura e identidade Surda na realidade de Cajazeiras-PB, considerando que a educação deve ser vista como um campo com perspectiva de inclusão da cidadania. Os Estudos culturais se constituem um campo teórico de conhecimento e não uma disciplina específica. Com isso, há um chamamento a todas as áreas do conhecimento, principalmente às ciências sociais, para uma reflexão maior sobre o conceito plural de cultura, com um olhar voltado para a construção de identidades, tendo como base a diferença e a alteridade dos indivíduos. Na perspectiva dos Estudos Surdos e dos Estudos Culturais, muitas desconstruções de representações do outro/a são possibilitadas, pois os Sujeitos Surdos/as não devem ser considerados pessoas com deficiência, mas uma minoria linguística, formadora de opinião e de uma cultura própria. Esta visão de uma cultura única vem sendo mudada, pois a concepção de uma identidade única e estável não valoriza os sujeitos nas suas diversidades, pois este está sendo composto não de uma única, mas de várias identidades que muita das vezes é contraditória e mal resolvida. Utilizou-se como pressupostos metodológicos a revisão bibliográfica, baseada na discussão teórica em relação a Cultura e Identidade dos Surdos/as na realidade de Cajazeiras-PB. Foi utilizada foi uma análise das falas de um Surdo e de uma Surda que participaram do primeiro setembro azul dos Surdos/as da cidade de Cajazeiras, realizado de 21 a 25 de setembro de 2015. O objetivo dessa análise foi ver a voz de quem passou ou está passando pelo processo de construção de identidade. Mediante os dados analisados constatou-se, que para o indivíduo interagir com seus pares de forma significativa, faz-se necessário que todos se comuniquem e usem a mesma língua. Assim fica evidente, nesta discussão, que o processo de construção de identidade se dá pelo envolvimento do outro/a com grupos específicos que partilhem de um mesmo universo cultural. Constatou-se também a relevância da presença de profissionais Surdos/as na educação para que o grupo perceba que eles também são capazes, mas para isso, precisam lutar e aceitar a Língua Brasileira de Sinais. Uma vez esta língua é instrumento de poder e força para construção da identidade.

Palavras-chave: LIBRAS. Cultura. Identidade. Diferença. Educação de Surdos.

**SURDOS QUE SE CONSTROEM SURDOS: UM PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO  
NA CIDADE DE CAJAZEIRAS – PB**

SILVA, Francisco Uélison da

*Mestrando em Educação junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba, professor da disciplina de LIBRAS da Faculdade Santa Maria –FSM e professor nas redes Estadual e Municipal de Ensino. E-mail: [franciscouelison@yahoo.com.br](mailto:franciscouelison@yahoo.com.br)*

## **INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como objetivo discutir os conceitos de cultura, identidade e diferença à luz dos Estudos Culturais e dos Estudos Surdos, assim como também analisar a fala de um Surdo e uma Surda que participaram do Setembro Azul/2015 dos Surdos/as da cidade de Cajazeiras - PB realizado de 21 a 25 de setembro na sede da Secretaria Municipal de Educação.

Os sujeitos *Surdos/as*<sup>1</sup>, na perspectiva desses estudos, não são representados/as como pessoas com deficiência, mas formadores de uma comunidade linguística com cultura e identidade própria. Esse campo de estudo permite a discussão sobre desconstruções de representações do outro/a enquanto possibilidades. Assim sendo, permitem e possibilitam uma narrativa própria a partir do indivíduo, de sua alteridade e diferença, que saindo da caverna da ignorância não mais irão narrar-se em um discurso unificado de cultura.

Apresenta-se uma discussão de como estes indivíduos eram representados a partir do Congresso de Milão de 1880 e o porquê do oralismo ter perdurado por muito tempo como o único e exclusivo meio para se educar os surdo/as. Tais procedimentos não tiveram sucesso, pois o método oralista matava a cultura e a Língua de Sinais, por esta ser eminentemente proibida no cotidiano. Mas esses grupos resistiram e continuaram se encontrando às escondidas e praticando essa língua que oportunizava trocar experiências pelo conhecimento visual de mundo que tinham.

Como os conceitos/categorias cultura, identidade e diferença permeiam as discussões, dialogo com o jamaicano Stuart Hall, um dos teóricos dos Estudos Culturais que discute sobre cultura e identidade. Em “A identidade cultural na pós-modernidade”, tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Hall (2014) apresenta três concepções diferentes de identidade: a do sujeito do iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno.

O primeiro concebe o ser humano dotado de razão, mas centrado e unificado em um núcleo interior, pois, ao nascer, este desenvolvia suas capacidades e permanecia ele mesmo ao longo de sua existência e seu “eu” era sua identidade; O segundo, “esse núcleo interior do sujeito não era autônomo”, mas sua constituição dependia das relações estabelecidas com as pessoas que eram importantes para o indivíduo; e, o terceiro, o sujeito pós-moderno, com uma

---

<sup>1</sup> Utilizamos o “S” maiúsculo para distinguir os Surdos/as formadores de uma comunidade linguística e cultural que são culturalmente “Surdos/as” dos que não são. Ver Sacks (1998, p.16).

identidade fluante e provisória. Aqui o indivíduo se adequa a cada situação com uma identidade diferente. Por isso, ele é provisório, variável e não acabado.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa ora aqui apresentada se configura na realização da pesquisa revisão integrativa da literatura científica de campo. No que se refere à pesquisa da literatura, foi realizado por meio do método sistemático de busca de produções literárias acerca da temática, no qual possibilitou maiores aproximações e entendimentos com os temas aqui expostos. Foi operacionalizada uma análise crítica da produção científica. A realização do levantamento bibliográfico aconteceu entre os meses de Maio a setembro de 2016.

Foi realizada uma pesquisa de campo com a utilização de duas entrevistas com um Surdo e uma Surda, que participaram do Setembro Azul/2015 dos Surdos/as da cidade de Cajazeiras - PB realizado de 21 a 25 de setembro de 2015 na sede da Secretaria Municipal de Educação, no intuito de analisar a voz de quem se constrói. A justificativa da escolha da falas desses dois participantes foi por terem conhecimento de todos/as Surdos/as presentes no encontro e terem estudado juntos em uma Escola Especial que ficava na zona rural da cidade de Cajazeiras desde a infância. Para preservar os nomes dos envolvidos, escolhemos a letra “C” como identificação do Surdo, alusão à Cultura e “I” como identificação da Surda, para lembrar a palavra “Identidade”.

A abordagem metodológica da pesquisa empregada neste estudo foi a Pesquisa qualitativa, sendo realizada no município de Cajazeiras - PB, em um encontro com o grupo de Surdos/as. Para a viabilização do encontro, tudo foi cuidadosamente preparado para que o encontro se materializasse de forma organizada.

O projeto foi avaliado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFPB, respeitando assim os princípios da Pesquisa com seres humanos. Assim como também a utilização do TCLE.

Foi indagado sobre esses dois participantes: Como eram antes da LIBRAS e como se sentem hoje participando desse grupo de Surdos?

## **DISCUSSÕES E RESULTADOS**

### **CULTURA E IDENTIDADE NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS E DOS ESTUDOS SURDOS**



Historicamente, em se tratando das pessoas com algum tipo de deficiência, estas eram colocadas à margem da sociedade, tratadas como se não fossem seres humanos, por não se encaixarem nos padrões de normalidade ditados pela sociedade colonizadora. Junto à essas pessoas, estavam os Surdos/as, estigmatizados/as pelo preconceito e pela visão clínica e terapêutica, que tentou por muito tempo oralizá-los/as com o objetivo de os/as tornarem “normais”, pois todos viviam, segundo os discursos, em um mundo sonoro que se comunicava oralmente.

O ano que marcou o povo Surdo do mundo inteiro e que ainda hoje é lembrado pela Cultura Surda como um atraso em sua educação foi o ano de 1880. O motivo foi a realização de um Congresso internacional ocorrido em Milão, Itália, que discutiu como deveria ser conduzida a educação dessas pessoas. Este Congresso significou um atraso para surdo/as, pois a Língua de Sinais foi banida totalmente do cotidiano escolar e o oralismo foi imposto como o único método de ensino para educação das pessoas Surdas.

Na perspectiva dos Estudos Surdos e dos Estudos Culturais, muitas desconstruções de representações do outro/a são possibilitadas, pois os sujeitos surdos/as não são considerados pessoas com deficiência, mas uma minoria linguística, formadora de opinião e de uma cultura própria. Hall (2015 p. 10-12), traz concepções diferentes de identidade: a do sujeito do iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. A primeira concebe o indivíduo como ser humano dotado de razão, mas centrado e unificado em um núcleo interior, pois, ao nascer, este desenvolvia suas capacidades e permanecia ele mesmo ao longo de sua existência e seu “eu” era sua identidade. Para esse autor, tal concepção era muito individualista, enquanto que no conceito de sujeito sociológico “esse núcleo interior do sujeito não era autônomo”, mas sua constituição dependia das relações estabelecidas com as pessoas que eram importantes para o indivíduo. Nas palavras de Hall, a identidade:

[...] nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós mesmos” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. (HALL, 2015, p.11)

Dessa forma, trazendo ainda os resquícios culturais de padronização, os Surdos são representados como grupo de pessoas deficientes que são convidadas a assumir uma identidade *ouvintista*<sup>2</sup>, dentro dos padrões de “normalidade” impostos pela cultura hegemônica, “costurando o indivíduo à estrutura”, com o objetivo de padronizá-los em

<sup>2</sup> Segundo Skliar, “é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”. (2013, p. 15).



oposição aos “mundos culturais” exteriores a ele e assim os tornarem unificados. Esta visão vem sendo mudada, pois a concepção de uma identidade única e estável, segundo Hall, está fragmentando o sujeito, pois este está sendo composto não de uma única, mas de várias identidades que muitas das vezes é contraditória e mal resolvida. Nessa modernidade tardia, os indivíduos estão diante de uma pluralidade que lhe dão várias perspectivas de escolha.

Segundo Hall (2015, p.11), “esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente”. Tais identidades, assumidas pelos sujeitos, em momentos diferenciados ganham significado em volta de um “eu” coerente, mas que está sempre em deslocamento contínuo.

Os Estudos Surdos e os Estudos Culturais são campos que vêm a surdez não como deficiência, mas como diferença cultural e trazem como conceitos/categorias a identidade e a diferença. A cultura e a identidade são temas centrais nesses estudos e para que o Surdo/a não seja visto a partir de uma visão clínica e terapêutica que o estigmatizou por um longo período histórico é necessário que estes/as sejam reconhecidos/as.

### **AS EXPERIÊNCIAS DOS INDIVÍDUOS A PARTIR DA APROPRIAÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – LIBRAS**

A maioria dos Surdos/as têm contato com a Língua de Sinais tardiamente, por nascerem em famílias ouvintes que usam uma língua de modalidade diferente da Língua de Sinais. Quando se trata da pessoa Surda, deve-se levar em conta que o seu canal de recepção e emissão de informações acontece através de imagens e de movimentos espaciais e a Língua de Sinais é a modalidade linguística que atende a essa forma de comunicação.

Nesse momento, surgem as inquietações e o desejo de uma fundamentação teórica que me dê suporte para entender a ocorrência desse fenômeno em um grupo de Surdos/as da cidade de Cajazeiras. Parti do pressuposto de que a língua de sinais e o seu aprendizado é um instrumental de poder e força para a inserção desses indivíduos na cultura e que este grupo pode ter momentos de vivências e partilha de experiências, proporcionado por encontros semanais entre Surdos/as. O desejo de serem reconhecidos une este grupo na defesa de uma linguagem própria para comunicar-se com seus pares. Conforme Quadros (1997, p. 47), as línguas de sinais são:

[...] sistemas linguísticos que passaram de geração em geração de pessoas surdas. São línguas que não derivam das línguas orais, mas fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam o canal auditivo-oral, mas o canal espaço-visual como modalidade linguística.



Tendo em vista o atual momento em que o modelo inclusivo de educação de Surdos é muito forte, negando o Outro/a Surdo/a enquanto cultura e identidade, as Comunidades Surdas têm visto nos Movimentos Surdos uma oportunidade de reconhecimento e respeito à sua cultura. Como fruto desse processo político, surge o Movimento Surdo, denominado “Setembro Azul”, em defesa da Cultura Surda, criticando o modelo inclusivo e solicitando que a Educação de Surdos seja equiparada à educação indígena.

Nesse contexto, o dia 26 de setembro é emblemático para os Surdos brasileiros. Nele é comemorado o Dia Nacional do Surdo, quando os Surdos/as de todos os Estados e municípios brasileiros se reúnem para discutir sobre as políticas em defesa dos direitos de Ser Surdo. Durante as comemorações, as conquistas são lembradas de forma positiva, enquanto que alguns eventos são lembrados negativamente, a exemplo Congresso de Milão de 1880. Nesse Congresso, as discussões viram no Oralismo o melhor método para a educação dos Surdos, banindo completamente as Línguas de Sinais das escolas.

No encontro, o objetivo foi dar voz aos participantes nas discussões, trazendo alguns pontos importantes para o debate, como: escolarização, língua de sinais, relação com a sociedade, dentre outros fatores. As falas sinalizadas no decorrer do encontro foram gravadas em vídeo e áudio com a devida autorização (TCLE), por escrito, dos participantes. Assim, pude ter em mãos, material empírico necessário para análise dos dados.

No primeiro dia do encontro, foi realizada uma palestra proferida por uma professora Surda, cujo tema foi “A história da educação dos Surdos”. No segundo dia, os/as Surdos/as contaram suas histórias, sofrimentos e preconceitos enfrentados. Cada um/a ia sendo chamado/a para contar a sua história de vida, como foram educados e como conheceram a LIBRAS. A maioria deles/as usavam Sinais e gestos espontâneos, por isso a escolha pela fala de quem se construiu ou está se construindo enquanto cultura e identidade. Todos/as eles/as fizeram alusão a “Escola Especial Francisco de Assis” (primeira escola desses sujeitos), ficando nítida a importância dessa escola em suas vidas, principalmente as pessoas que os/as acolheram

Foram utilizados os seguintes instrumentos para coleta dos dados: realização de visitas aos Surdos/as para entrega de convite, confeccionado em papel ofício com imagens visuais, análise da forma como o Surdo/a convidado/a o recebeu. No encontro, o objetivo foi ver a voz sinalizada dos participantes nas discussões. Tanto as visitas, quanto as suas falas sinalizadas, no decorrer do evento foram gravadas em vídeo e áudio, para ter em mãos, material empírico necessário para análise dos dados.

A metodologia utilizada foi análise das falas dos sujeitos escolhidos nessa amostragem e que girou em torno da seguinte pergunta: como era antes de conhecer a



LIBRAS? E hoje, como se sentem? O objetivo foi ver a voz de quem passou ou está passando pelo processo de construção de identidade. Suas falas foram gravadas em vídeo e interpretada pela interprete de LIBRAS que está a disposição da Secretaria Municipal de Educação de Cajazeiras e que antes foi a professora da maior parte deles na Escola Especial a qual eles fizeram referência.

*“I” - [...] estudei na cidade de Campina Grande [...] até a idade de sete anos [...] vim morar em Cajazeiras. Fui para a escola [...] já sabendo um pouco de sinais. Lá em Campina Grande era melhor, tinha LIBRAS [...] problema é que eu sabia pouco. [...]. Antes eu achava melhor [...]. Fui conhecendo amigos de João Pessoa, Campina Grande, Pombal [...].*

*“C” - [...] não entendia nada de LIBRAS, não sabia nada, minhas mãos eram duras [...]. Antes, quando tinha as mãos duras, não entendia, só depois que fui desenvolvendo as habilidades [...].*

“I” estudou em sua infância na cidade de Campina Grande – PB e aos sete anos foi morar na cidade de Cajazeiras, interior da Paraíba. Afirmo que em Campina Grande era melhor, tinha LIBRAS, revelando que em sua infância conheceu pessoas Surdas na escola até a idade de sete anos. Ao mudar-se com a família para a cidade de Cajazeiras, ingressou em uma Escola Especial com o conhecimento de alguns sinais por vir de uma escola de Surdos. Sentiu dificuldades, pois nessa escola, em Cajazeiras, o uso de sinais não era frequente e por isso afirma que em Campina Grande era melhor, porque lá tinha LIBRAS.

“I” mostra a sua preferência pela LIBRAS e a dificuldade que teve quando se afastou dela. Quando veio para Cajazeiras e ingressou na escola especial, a presença dessa língua era quase zero, conforme seu relato. Ela mesma afirma que o problema também estava nela por saber poucos sinais, revelando assim, o desejo de fazer com que aquelas pessoas aprendessem a se comunicar, como era em Campina Grande. Teve que interromper o contato com os Surdos/as, que, evidentemente, só ocorria no espaço escolar. Ao chegar em Cajazeiras, perdeu o contato com seus pares e encontrou um ambiente sem o uso de sinais, somente com gestos, advindos do convívio com os ouvintes, em concordância com o que diz Thoma (2012, p.171):

*[...] muitos surdos, quando conhecem outros surdos, sentem necessidade de estar em comunidade, e a escola é um espaço importante para isso, sendo o primeiro lugar de encontro da maioria dos surdos, pois esses são, na grande maioria das vezes, os únicos integrantes surdos de famílias ouvintes.*

Percebi que, tanto na fala de “C” quanto de “I”, a comunicação pela LIBRAS só se deu de forma eficaz quando estes tiveram contato com Surdos/as usuários dessa língua. “I” Expressa a importância das pessoas Surdas estarem juntas, sente saudade desse tempo, mas reconhece o pouco conhecimento que tinha da Língua de Sinais. Ao final de sua fala, mesmo



estando com seus pares, afirma ter aprendido pouco, não sabia muito a LIBRAS, ocorrendo o mesmo com seus amigos de escola. Mas, quando conhece Surdos/as de outras cidades é que passou a conhecer melhor a Língua de Sinais.

Percebe-se que os surdos/as sentem a necessidade de uma comunicação eficaz, desejam escolas que proporcionem meios que favoreçam o seu modo visual de aprender, pois são equipados de comportamentos inatos, entre os quais a comunicação. Esta se dá pelo uso e pelo aprendizado da Língua de Sinais como língua mãe. Nesse caso, se permanecerem isolados sem conhecimento da Surdez enquanto questão cultural permanecerão enfraquecidos e conhecerão o mundo de forma fragmentada e isso ficou claro no depoimento destes, que passaram ou estão em processo de construção de identidade.

Nas falas dos sujeitos, tanto eles quanto seus familiares se sentem impotentes diante das barreiras da comunicação, tornando-os estranhos dentro de suas próprias casas. É notável o fato de os pais não saberem se comunicar com seus filhos, desconhecerem a Libras, levando a construção de uma comunicação restrita e fragmentada, somente com o uso de gestos, conforme mostra os relatos abaixo:

*“C” - Na família, por exemplo, é difícil porque eles oralizam, entendeu? Eu não gosto, me sinto mal. Acho melhor fora de casa com amigos surdos, bater papo e se comunicar em LIBRAS. Na família a comunicação é difícil, precisa ter paciência.*

*“I” - Quando estou com a família é mais difícil ainda, porque eles não sabem usar sinais, só usam gestos. Com minha mãe, por exemplo, é difícil. Fala, fala, fala e muitas coisas não entendo. Eu quis a LIBRAS, quis aprender, viajar, estudar e conhecer amigos surdos. Ouvintes é só gesto, não dá. Minha tia, meus familiares sabem pouco só usam gestos.*

As falas mostram o quanto foram limitadas as oportunidades de comunicação dos/as Surdos/as no seio familiar. Ao narrarem como se sentiam em relação aos seus familiares quando se tratava da comunicação, Sinval, por exemplo, deixa claro que é “melhor fora de casa com amigos Surdos, bater papo e se comunicar em LIBRAS”. Essas características, comuns a todas as falas, revelam a carência comunicacional existente na família pelo fato de ela não saber LIBRAS e o pior não compreenderem o quanto isso poderia mudar toda a história de vida de seus filhos.

Além disso, o Surdo é possuidor de uma língua de modalidade viso-espacial, cuja expressão e recepção se diferenciam de todas as demais, ou seja, da modalidade oral-auditiva. Nós ouvintes temos vantagens em relação ao Surdo, pois nascemos em famílias ouvintes e somos apresentados à sociedade falando a nossa língua mãe.

A maioria dos Surdos, conforme mencionei antes, nascem em famílias ouvintes e aprendem a se comunicar de forma fragmentada usando gestos espontâneos advindos de suas experiências visuais. Estes estabelecem uma comunicação apenas no seio de suas famílias, e



isso significa dizer que estando longe de seu convívio não estabelecem uma comunicação com outros grupos sociais. O conhecimento se dá somente ali, naquele meio sem uma oportunidade de amplo fundo social, capaz de os tornarem mais humanos, tendo acesso a todos os meios de aprendizagem. Tanto na fala de “I” como na de “C”, essa questão fica bem clara em relação à dificuldade que os Surdos/as têm de se comunicar com seus familiares que não usam a LIBRAS:

*“I” - Com a LIBRAS a comunicação é melhor, fica fácil se comunicar com os amigos. A comunicação com os ouvintes é difícil por que sei poucas palavras. Com o surdo a comunicação flui melhor, tudo fica mais claro, eles são iguais a mim, são amigos e trocam experiências iguais. Assim fica fácil, já na família é difícil com os amigos surdos não.*

Para que tenham acesso ao conhecimento de forma eficaz, faz-se necessário o aprendizado de uma língua que contemple o seu modo visual de aprender e apreender o mundo: a Língua de Sinais. Para tanto é necessário que os grupos Surdos conheçam outros Surdos/as de outras localidades, partilhem suas experiências e aprendam juntos a Língua de Sinais, instrumento de poder e força para a inserção dessas pessoas na sua cultura própria.

Ao verbalizar o seu pensamento, percebi que “I” aceitou a LIBRAS (quando se aceita a Língua de Sinais, a pessoa se identifica enquanto Surdo/a), deixando bem claro que a comunicação com seus pares é mais eficaz em relação aos ouvintes, pois o Surdo/a precisa saber um pouco do português escrito para estabelecer comunicação com estes. Para ela, a comunicação flui melhor justamente por partilharem as mesmas experiências através do canal visual. Para “C” é melhor fora de casa, pois longe da família, a comunicação acontece. Para esta confirmação, Pereira (2012, p.81) afirma que:

*Diferente das crianças surdas, filhas de pais surdos, que adquirem a língua de sinais no convívio familiar, as filhas de pais ouvintes comumente chegam à idade escolar sem o conhecimento de uma língua. A língua majoritária na modalidade oral, comumente usada em famílias ouvintes, lhes é acessível. No entanto, mesmo não partilhando a mesma língua que os pais, essas crianças desenvolvem linguagem gestual.*

Diferente de uma família ouvinte, quando uma família de Surdos descobre que seu filho/a será Surdo/a sente alegria, pois já existe todo um entendimento do que é “ser surdo”. Os/as filhos/as surdos/as de pais Surdos podem usufruir desde o princípio de uma comunicação fluente com seus familiares e crescer com senso de confiança e de identidade pessoal e cultural. Apesar de se saber que o ser Surdo/a não significa ter nascido em algum lugar determinado ou integrar uma família específica, o aspecto relativo ao compartilhamento linguístico faz diferença para o seu desenvolvimento. Essa visão está relacionada ao



entendimento de que as pessoas Surdas são possuidoras de uma língua de modalidade gestual-visual, cuja expressão e recepção se diferencia de todas as demais, ou seja, as de modalidade oral-auditiva.

Ao perguntar como se sentem hoje conhecendo a LIBRAS e outros surdos/as, colocaram a importância da união do grupo para se firmar enquanto cultura e identidade. Na fala de “I”, os Surdos/as de Cajazeiras têm tido um avanço significativo com o reencontro do grupo. Percebi então, que estes/as Surdos/as precisam encontrar-se e partilharem suas experiências a partir desses encontros, fora da escola, único lugar que se encontravam para bate papo.

*“I” - Alguns sabem LIBRAS só um pouquinho, quem sabe mais vai ensinando aos outros e aí eles vão aprendendo, aprendendo e tudo vai ficando calmo, a LIBRAS vai melhorando. Para eles, antes não era assim tinha esse pequeno problema. Hoje já melhorou muito com o retorno do grupo.*

*“C” - Hoje me sinto bem, quando vejo um grupo de pessoas sinalizando, usando sinais e batendo papo, fico emocionado. Quando vejo que a comunicação é em LIBRAS fico feliz. Agora, quando vejo um grupo de pessoas, conversando oralmente e eu não entendo, a comunicação fica confusa. Diferente de um grupo de amigos que querem entrar no bate papo sinalizado. Isso me emociona (se referindo ao grupo de professores ouvintes que participam de alguns encontros específicos com o grupo).*

Quando “I” fala: “para eles, antes não era assim, tinha esse pequeno problema”, ela está se referindo à escola especial onde se conheceram, pois a comunicação ocorria apenas naquele ambiente, com pouco uso da LIBRAS, pois as metodologias adotadas ainda eram oralistas e integrativas. Surdos/as precisavam de atenção e cuidados especiais, pois eram considerados/as como pessoas deficientes e prevaleciam crenças religiosas em torno da vida destas pessoas. Mesmo assim, a interação e a comunicação aconteciam, mesmo com a mistura de gestos, LIBRAS e português sinalizado, advindos de suas experiências visuais.

Estes gestos caseiros nascem da necessidade de comunicação com aqueles que estão próximos dos Surdos/as. Estas experiências são partilhadas quando Surdos/as nessa situação se encontram e passam a conviver com seus pares. Assim sendo, convencionam sinais comuns ao grupo, mas que surgiram da partilha de suas experiências visuais, esta, segundo Strobel (2013), primeiro artefato cultural do povo Surdo.

“C” deixa claro em sua fala que hoje é melhor que antes e por isso se sente bem. Sente o desejo que outros/as Surdos/as vivenciem o que vivencia pelo uso da LIBRAS. Se emociona quando está no meio de grupos sinalizando, diferente quando fica junto dos que oralizam, tornando a comunicação sem eficácia. Para ele é interessante quando entram no bate papo sinalizando, fazendo referência aos amigos/as ouvintes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**



Para que o indivíduo interaja com seus pares de forma significativa, faz-se necessário que todos se comuniquem e usem a mesma língua. Assim fica evidente, nesta discussão, que o processo de construção de identidade se dá pelo envolvimento do outro com grupos específicos que partilhem de um mesmo universo cultural.

O meio pelo qual estes indivíduos interagem, se comunicam e adquirem conhecimentos é a língua, principal instrumento de poder e força para a inserção do indivíduo na cultura. O campo dos estudos culturais e dos estudos surdos oferece um amplo espaço para tais discussões, com um olhar voltado para os conceitos de cultura, identidade e diferença respeitando a alteridade dos indivíduos que se constroem enquanto tal.

Diante do exposto, afirma-se a importância dos surdos/as estarem juntos com seus pares, participando de políticas voltadas para a defesa de seus direitos e se firmem enquanto cultura e identidade pelo uso da Língua Brasileira de Sinais.

Pelo evento que fora realizado e pela fala dos participantes, percebe-se que é urgente a criação de uma Associação de Surdos e a luta por uma escola bilíngue, para que estes ganhem autonomia, organizem eventos e encabeçam lutas em defesa dos direitos de ser Surdo/a. Para isso, precisam se unir, buscar parcerias com os ouvintes que militam em defesa do bilinguismo, quebrando os paradigmas dos modelos de inclusão que lhes são apresentados. A partir dessa consciência, devem surgir discussões em torno da fundação de uma escola bilíngue para Surdos no município de Cajazeiras - PB, com o apoio e o incentivo da sociedade, família e poder público, pois os estudos Culturais vê na educação, um espaço oportuno para tais discussões.

Estes encontros devem ganhar proporção maior, outros/as Surdos/as deverão ser convidados para relatar suas experiências com associações e outras lutas em defesa da Cultura Surda. A presença de profissionais Surdos/as é de grande importância, para que o grupo perceba que eles também são capazes, mas para isso, precisam lutar e aceitar a Língua Brasileira de Sinais.

Ao ver e analisar a fala de “I” e de “C” verifica-se que ambos tiveram contato com Surdos/as que usam a Língua de Sinais, participam de associações ou que têm uma vida profissional consolidada. Estes indivíduos são de grande valia para o grupo que está em processo de construção de identidade, pois a LIBRAS pode ser partilhada, como ocorreu no Setembro Azul/2015. Como se conhecem desde a infância, o uso dos gestos espontâneos é entendido, mas posteriormente transformados em sinais, me convencendo que o contato com Surdos/as usuários/as dessa língua, fará com que os/as que ainda estão em processo de construção de identidade tenham um diálogo permanente com a Cultura Surda e as identidades advindas delas e projetem a si mesmos nessas identidades.

## REFERÊNCIAS

- COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. Revista Brasileira de Educação [online]. 2003, n. 23, pp. 36-61. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf>>. Acessado em 10/10/2016
- DORZIAT, Ana (Org.). **Estudos surdos: diferentes olhares**. Porto Alegre: Mediação, 2011.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** (tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro). Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- LODI, Ana Claudia B; LACERDA, Cristina B.F. de (Orgs). **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- SKLIAR, Carlos (org.). **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2013.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.
- THOMA, Adriana da Silva. **Representações sobre os surdos, comunidades, cultura e movimento surdo**. In: Maura Corcini Lopes & colaboradores. *Cultura Surda e Libras*. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2012. P.154 - 178.